

# A harmonia familiar: paralelo entre o casamento na família javanesa e na brasileira\*

Luiz Alencar Libório \*\*

## Resumo

A harmonia familiar acontece no jogo dinâmico de forças e potencialidades de cada membro da família e da família como um todo. A família, como sujeito ativo das transformações sociais e como uma entidade que sofre as influências da sociedade, é convocada, neste artigo, a canalizar a sua dinâmica interna – no jogo de forças e potencialidades dos dois pólos microrrealidade (sujeito) e macrorrealidade (sociedade) – em vista de sua maior realização, tendo como pólo equilibrador e realizador a dimensão transcendental da família.

Também se faz um paralelo, do ponto de vista da harmonia, entre o casamento na família javanesa (Indonésia) e o casamento na família brasileira.

**Palavras-chave:** harmonia familiar, macrorrealidade, microrrealidade, transcendência familiar.

## FAMILY HARMONY: THE PARALLEL BETWEEN MARRIAGE IN THE JAVANESE AND BRAZILIAN FAMILY

## Abstract

Family harmony takes place in the dynamic game of forces and potentialities of each member of the family and of the family as a whole. The family, as the active subject of social transformations and as an entity which endures the influences of society, is summoned, in this paper, to channel its internal dynamics – in the game of forces and potentialities of the two micro-reality (subject) and macro-reality (society) poles – in order that it might be more fulfilled. The transcendental dimension of the family is considered the equilibrating and catalyzing pole.

A parallel is also made, from the point of view of harmony, between marriage in the Javanese (Indonesian) family and marriage in the Brazilian family.

---

\* Palestra feita pelo autor do artigo em Yogyakarta (Java), Indonésia, em janeiro de 2003.

\*\* Doutor em Psicologia da Família e Professor do Departamento de Teologia e Ciências da Religião, da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), Brasil.

**Key-words:** family harmony, macro-reality, micro-reality, family transcendence.

## Introdução

**A** harmonia familiar acontece na equidistância e equivalência de dois pólos existenciais fundamentais: a **macrorrealidade** psicossocial e político-econômica na qual está dinamicamente (ativa e passivamente) inserida a família e a **microrrealidade** (*bagagem genética e psicoafetiva*) que cada um dos cônjuges traz de sua vida intra-uterina, infância e adolescência até a constituição de uma família.

Noutras palavras, **harmonia** é a “combinação de elementos diferentes e individualizados, mas ligados por uma relação de pertinência (pertença) que produz uma sensação agradável e de prazer” (Houaiss, 2001, 1506). Ou também: uma certa ausência de conflitos, maiores, duradouros ou estruturados.

**Familiar:** “Aquele ou aquilo que é considerado membro ou algo da família, pertencendo ao mesmo sangue ou clima de família qualquer que seja o tipo de constituição de família” (casal sem filhos, nuclear, monoparental, extensa, múltipla etc.) (Houaiss, 2001, 1305).

A **macrorrealidade** é tudo aquilo que independe diretamente do sujeito e da família. É aquilo que a nova família constituída já encontra dada, pronta: o *sistema socioeconômico e político vigente* (Capitalismo, Socialismo, Monarquia, Democracia etc.), o *tipo de religião* (valores), as principais *cosmovisões*, o *ethos, ética, moral e cultura geral* de todo um povo, neste caso o povo javanês.

A **microrrealidade** também não depende muito de nós, mas de nossa hereditariedade e dos condicionamentos que sofremos da superestrutura social, familiar e as con-

seqüências de nossas ações pessoais deliberadamente feitas ou não. Esses dois grandes veios vão confluir numa dinâmica familiar harmônica ou não.

Vale ressaltar que a *dinâmica do casal*, buscando a harmonia familiar, tem como palco maior os fenômenos sociodemográficos e sociofamiliares estruturais, provocados pelas céleres mudanças em todos os campos, as quais deságuam na industrialização, êxodo rural, inchação das cidades, favelização, crises econômicas, nuclearização das famílias e numa dinâmica pessoal, conjugal e familiar cada vez mais complexa, num mundo sempre mais globalizado, secularizado e carente de transcendência, ao menos no Ocidente.

Esta palestra tem como objetivos conhecer um pouco mais a complexa dinâmica da família brasileira e compará-la, em alguns pontos, com a família javanesa, visando a um maior enriquecimento harmônico da vida do casal e da família. Portanto, abordaremos sinteticamente esse tema com três eixos:

- 1) o influxo da macrorrealidade na harmonia familiar;
- 2) a influência da microrrealidade (pessoal) na dinâmica conjugal e familiar;
- 3) a complexa dinâmica da família e sua autotranscendência.

Como acontece realmente a **harmonia familiar** nesse jogo complexo e dinâmico de influências da macrorrealidade e microrrealidade no seio da família?

## 1 – O influxo da macrorrealidade na harmonia familiar

Na existência, no percurso feito entre os pólos nascimento e morte, cada membro da família (cônjuges e filhos) nasce, cresce e morre dentro de estruturas que sustentam a macrorrealidade na qual está inserida a família, que é um agente ativo e passivo nessa macroestrutura.

A família é um *agente ativo* da sociedade quando, por meio das pressões sociais, movimentos reivindicatórios, mudanças de comportamento e voto eletivo, dá novo rumo à sociedade em que vive, quanto ao “ethos”, à ética e à moral, gerando novos costumes, cosmovisões e modo de viver.

A família é *passiva* da influência da macrorrealidade, principalmente, nos campos econômico, sociopolítico, axiológico e religioso, via potente mídia, que torna o mundo cada vez mais uma “pequena aldeia”, no dizer de Mac Luhan. Nessa pequena aldeia, as mudanças são de vários matices, especialmente: a) *estrutural*; b) *demográfico*; c) *econômico*; d) *sociopolítico*; e) *axiológico-cultural*; f) *medial* (cultura da violência); g) *transcendental*.

### a) Mudanças estruturais

A industrialização, o êxodo rural, a inchação das cidades com o surgir das favelas na América Latina e no Brasil, todos esses fenômenos transtornam a pretendida harmonia familiar.

Suponhamos uma família com 7 filhos que mora num barraco de um quarto numa favela: como será o dia-a-dia, a dormida dos membros e a intimidade sexual do casal nesse

amontoado de gente? Como poderá o adolescente ter o seu espaço e tempo vitais tão propalados pela Psicologia?

A família emigrada do campo e das pequenas cidades – onde, em geral, há mais harmonia quanto à vivência de valores mais sérios – vai procurar emprego nas indústrias e comércio das grandes cidades, sonhando com dias melhores, mas, muitas vezes, termina vivendo dias piores que no campo com a mudança rápida das cosmovisões, a quebra de valores e um afrouxamento da conduta ante o pluralismo das metrópoles; troca fácil de religião e mudança do sentido para a vida quando lhe falta o essencial para sobreviver.

O mundo múltiplo, complexo e atraente das metrópoles cria um *relativismo* exagerado na mente das pessoas, que passam a questionar os seus valores anteriores, vividos mais rigidamente na zona rural. Só uma política agrária séria para o assentamento e manutenção do homem do campo em seu “habitat”, pagando bem por sua produção, poderia aliviar esse grande êxodo rural com incríveis conseqüências em todos os campos, mormente o demográfico.

## b) Mudanças demográficas

As mudanças estruturais, juntamente com o êxodo rural e especialmente a crise econômica, e a descoberta da pílula anticoncepcional por Dr. Pinkus (1960) fizeram com que haja menos casamentos civil e religioso (no Brasil, 50,1%) e mais convivências de casais (no Brasil, 28,3%) e famílias com menos filhos: a nuclearização da família (IBGE, Censo 2000, 67).

No Brasil, na zona urbana, a média de filhos é de dois e, na zona rural, a média é de 3-4 filhos, criando o distanciamento geográfico quase sempre também um

esfriamento afetivo para com a família ampliada (extensa).

O tipo de família patriarcal (pai ditador) está com seus dias contados no Brasil – passou-se a uma família mais democrática e moderna com uma melhor partilha das tarefas domésticas com o marido, que ainda contribui muito pouco nesses afazeres.

Hoje, em meu país, há menos jovens, porque há menos crianças. Há maior longevidade graças aos avanços da medicina, que causa uma queda brusca da mortalidade infantil.

No Brasil, está crescendo muito o tipo de família cuja cabeça é a mulher sem cônjuge com filhos (26,7%: IBGE, PNAD 1999, 218), com um parco salário para manter economicamente a vida de seus filhos.

### c) A situação econômica

Como pode uma família manter uma relativa harmonia interna se, no *campo econômico*, está inserida num sistema no qual uma minoria ou o Estado tem a quase totalidade dos bens do país, como acontece no Capitalismo e Comunismo respectivamente?

Como pode uma família numerosa ou mesmo pequena viver dignamente com um salário mínimo, como acontece no Brasil, onde 44,0% dos trabalhadores (66,0% no Nordeste, onde moro eu!) ganham até um salário mínimo mensalmente – U\$ 70 (setenta dólares norte-americanos), sendo que 53 milhões de brasileiros ganham  $\frac{1}{2}$  salário mínimo (U\$: 35).

Imaginem a falta de quase tudo na casa de uma família pobre cujos membros cada vez mais são condicionados ao consumismo capitalista, que leva muitos pais a gas-

tarem seu parco salário em coisas não-essenciais. Isso provoca atritos familiares e inviabiliza principalmente o diálogo familiar. Assim, não há espaço afetivo para a troca de sentimentos, fundamental para a harmonia da dinâmica conjugal e familiar.

Também, no Brasil, como na Europa, há o fenômeno do jovem adulto que fica mais tempo na casa dos pais que antigamente, por causa de maior número de anos de estudo, falta de emprego e de condições mínimas (casa, mobília etc.) para constituir um lar.

Como no campo afetivo o brasileiro é apressado, em geral, o rapaz ou a moça arranja logo um filho no tempo de namoro. Os três, então, vêm morar com os pais do rapaz ou da moça. Essas três gerações juntas criam uma dinâmica familiar bem diferente e com difícil harmonia, já que os avós passam a reeditar a paternidade e a maternidade com o neto e, principalmente no campo da educação, há desencontro de orientações concernente ao filho-neto.

Vejam como, no Brasil, a situação econômica influencia a harmonia familiar.

O Brasil tem hoje (2003) 178 milhões de habitantes. Nele 1,0% da população tem 80,0% das terras quase improdutivas e 5,0% têm mais de 55,0% de toda a riqueza da nação, com 12 milhões de desempregados aviltados em sua honra, já que o homem é tido culturalmente como provedor econômico da família (IBGE, Censo 2000). A defasagem entre ricos e pobres é imensa e os ricos se tornam cada vez mais ricos; os pobres cada vez mais pobres.

Nessa situação de carência de tudo, a mulher entra no mercado de trabalho, principalmente por necessidade financeira das famílias de classe baixa. No Brasil, já são 49,0%, das quais 57,0% na zona rural e 47,2% na zona

urbana (IBGE, Censo, 2000, 128-130).

Essa entrada no mercado de trabalho tem seu lado positivo para a mulher, pois ela ajuda financeiramente o marido, adquire “status”, socializa-se e se independe dele financeiramente. Mas a mulher sofre, além do estresse, uma angústia psicológica e a dissonância do “self” por se ver dividida entre o mundo do trabalho e a constante preocupação com os filhos, especialmente quando ainda são pequenos, nem sempre em boas mãos ou mesmo sozinhos em casa ou abandonados na rua, como acontece em muitas metrópoles do Brasil.

Esses menores abandonados, para sobreviver e trazer algo para o irmão pequeno em casa, fazem biscates (qualquer tipo de trabalho) ou roubam, assaltam e matam, o que aumenta ainda mais a violência já bastante organizada e socializada.

Creio que, na Indonésia, a realidade econômica não é tão diferente já que, como o Brasil, pertence ao terceiro mundo e carece de força de vontade política para o acontecer das verdadeiras transformações em prol do bem comum e não só das minorias.

#### d) A dimensão sociopolítica

No *campo sociopolítico*, a família, como grupo fundante da sociedade, tem uma grande influência nos rumos de uma nação pela educação e normas que dão aos seus filhos, futuros cidadãos de um país. Se a família é unida e os membros se valorizam e se respeitam mutuamente, estão lançados os fundamentos de uma nação séria para o futuro. De um lado, as *políticas familiares* nem sempre a valorizam como um todo, mas a dicotomizam,

dando mais ênfase aos membros individualmente, sem a valorização das normas familiares como constitutivas do caráter e personalidade do cidadão, como é o caso do Brasil. De outro lado, a estrutura política, vigente em muitos países, é constituída por pessoas corruptas e ladras que sangram o país e o reduzem a um montão de miseráveis sem esperança no porvir. Isso afeta a dinâmica familiar, levando muitos pais ao desespero e ao desânimo e muitos jovens à delinqüência e à violência sistêmicas.

No Brasil, mesmo com as C.P.Is. (Comissão Parlamentar de Inquérito), essa realidade da corrupção, do roubo, do aproveitar-se do outro a todo custo é muito grande, apesar de tantas famílias lutarem com dignidade para sobreviver como pessoas humanas. Dez anos atrás, tivemos a sorte de provocar o “impeachment” de um presidente que armou toda uma rede de grandes ladrões do país e destruiu ainda mais a vida do povo mais pobre. Boa parte de nossos políticos é constituída de grandes ladrões que roubam bilhões de dólares e não pegam um dia de cadeia por causa da imunidade parlamentar.

O povo bom já anda cansado de tanto lutar pela honestidade e por dias melhores. Em outubro de 2002, surgiu uma nova esperança, pois, pela primeira vez, na história de nossa democracia (República: 15/11/1889), um operário se tornou Presidente da República com 62,0% dos votos válidos: Luiz Inácio Lula da Silva, empossado no dia 1º de janeiro deste ano de 2003. Esperamos que seja mais sensível à realidade dos imensamente pobres e miseráveis de meu país, com tanta gente boa, aberta, sensível e batalhadora.

## e) O campo axiológico-cultural

No campo da *cultura* e dos *valores* (axiológico), hoje, no mundo, especialmente no Ocidente, também no Brasil, há um predomínio do egoísmo, do efêmero sobre o duradouro, do hedonismo (prazer) a qualquer custo e uma quase total inversão de valores. O que era um valor há 50 anos hoje é um desvalor, e o que era um desvalor hoje é valor muito aceito e vivido.

Uma família com *estrutura cultural patriarcal, machista e não-democrática* certamente é muito penalizada pelo relacionamento do chefe familiar com sua esposa e seus filhos, geralmente tidos como *súditos* e não como pessoas livres, entes de inteligência, amantes da liberdade e filhos de Deus, feitos à Sua imagem e semelhança (Gn. 1, 27).

As famílias ficam atônitas, em sua dinâmica, com essa dominação e inversão de valores sem saber como orientar a si mesmas e aos seus filhos, levando em consideração ora a felicidade e segurança da família, ora a liberdade e realização dos filhos. É um jogo que acontece num terreno muito melindroso e complexo, que é a consciência, pois é difícil deixar todos a contento.

O sistema de *valores absolutos* quase que ruiu totalmente por terra, já que uma secularização ou mesmo secularismo (ateísmo!) tomaram conta do mundo ocidental, influenciado principalmente pelo existencialismo niilista, entre outros fatores. Sem valores mais *sólidos* e *duradouros* (não necessariamente absolutistas!), é muito difícil manter uma certa harmonia conjugal e familiar neste mundo cada vez mais globalizado e influenciado pela potente mídia ao serviço das multinacionais cujo deus principal e mais

cultuado é o *dinheiro* com seus filhos: *ter, poder e prazer*.

Por isso, mister se faz repensar todas essas dimensões (econômica, sociopolítica e axiológica) para dar um rumo mais *transcendental* e *religioso* à dinâmica familiar, que só acontece com a contribuição de todos e cada um dos membros da família, bombardeada, constante e desrespeitosamente, por essa macrorrealidade acima aludida, além da microrrealidade que cada membro da família carrega consigo desde a fecundação (fatores genéticos e hereditários) e do ventre da mãe (experiências intra-uterinas boas ou más), que vão condicionar e influenciar o futuro do membro da família nas inter-relações conjugais e familiares neste mundo com os potentes meios de comunicação de massa (mídia).

#### f) A potente mídia e cultura da violência

Num mundo em que os conceitos de *espaço* e *tempo* sofreram mudanças drásticas, com o *espaço* (o grande mundo) na tela da TV ou do monitor (Internet) e o *tempo* antes tão longo, hoje reduzido ao domínio do segundo (não mais a hora ou o dia!), o homem pós-moderno se tornou fascinado pela mídia. A mídia é tão poderosa, que acabou com as cadeiras na calçada onde os pais e filhos se sentavam para conversar, contar anedotas e espairecer.

Hoje a tela mágica que vomita violência criou um medo exagerado, que ninguém quase não tem mais coragem de colocar a cabeça para fora da janela ou da porta com medo de assalto. As novelas brasileiras, por sinal muito bem feitas, levam as mães a esquecerem até de colocar a refeição para o marido, que volta cansado do trabalho! De fato, DeKerckhove, discípulo de Mac Luhan, afirmava que não é tanto o conteúdo veiculado pela mídia que transfor-

ma a *estrutura mental* das pessoas, mas antes as *técnicas* utilizadas na transmissão desses conteúdos (Libório, 2001, 8). E isso a mídia sabe fazer muito bem. No Brasil, 87,7% das famílias têm TV e 89,9% têm rádio em seus domicílios (IBGE, PNAD 1999, 133).

Os filmes e seriados da TV estão ensinando como as pessoas serem violentas, principalmente as mais pobres que sonham mais alto do que podem e devem. As conseqüências da imensa defasagem entre ideal (fantasia) e realidade, ser e ter e querer ser e ter mais, geram toda essa situação de uma renda distribuída forçadamente, através dos seqüestros e roubos; os ladrões estão soltos, assaltando e nós, presos, temerosos de sermos assaltados e /ou mortos.

É claro que não quero ser pessimista; há programas bons na TV, mas são raros. Precisamos de algo mais sério e profundo e de uma crítica bem orquestrada contra a pornofonia e pornografia mediais e virtuais. A *cultura da violência* está rapidamente transformando a família brasileira, que era mais aberta, sensível e alegre, numa família mais fechada, medrosa, insensível e egoísta.

Como aproveitar bem a mídia e como se livrar do mal que ela provoca? Perguntas difíceis de se responder. Talvez a seleção de bons programas para os filhos, com horário marcado, e críticas realistas dos filmes para que os filhos não mudem seus esquemas mentais sejam uma resposta. Mas, como fazer isso se os pais estão fora de casa e os filhos têm a sua liberdade e privacidade – cada filho de uma família mais abastada tem a sua televisão particular no seu próprio quarto?

Só uma orientação e vigilância democrática sadia poderão mudar um pouco o rumo das coisas nesse campo

tão fantástico e potente, de modo a preservar os valores, a unidade e a harmonia da família como um todo. Essa tarefa não é fácil, mas algo deve ser feito urgentemente, antes que seja tarde demais para cada indivíduo, que é a pilastra primeira da dinâmica do equilíbrio da familiar.

Mas, como se dá essa influência do indivíduo (microrrealidade) na dinâmica conjugal e familiar?

## **2 – A influência da microrrealidade (pessoal) na dinâmica conjugal e familiar**

Inicialmente, visa-se a abordar essa influência do indivíduo (microrrealidade) na dinâmica da família em quatro campos: a) genética e hereditariedade; b) drogadição e psicose; c) temperamento e personalidade e d) projeção e identificação projetiva.

### **a) Genética e hereditariedade**

Sabe-se muito bem que as malformações *genéticas* e *hereditárias* geram toda uma acomodação dinâmica diferente a todos e a cada um dos membros da família. Se, por exemplo, nasce um filho aleijado, doente ou mesmo com tendências a um surto psicótico, no futuro, a família toda muda a sua dinâmica para manter o atendimento, a criação e educação de membros sadios e doentes, sem falar no grande transtorno que causa a dimensão antiestética, ao menos na cultura ocidental.

A diferença, quanto ao aspecto *estético* num dos membros da família, gera, em muitos membros da família, um sentimento de vergonha, decepção e pena do membro diferente dos demais, sem falar do peso econômico que acarreta, principalmente, às famílias mais necessitadas.

## b) Drogadição e psicose

As pessoas dependentes de *drogas* ou *psicóticas* com os genes, muitas vezes, transmitidos hereditariamente transtornam demasiadamente as dinâmicas familiares; e o peso maior cai principalmente sobre a esposa e mãe dos membros desse lar, já que o homem – tido culturalmente como provedor econômico – está quase sempre fora de casa, não se envolve tanto com essa dinâmica da diferença, seja com o cônjuge ou com os filhos.

## c) O temperamento e a personalidade

A diferença de *temperamento* dos cônjuges nos campos da *emotividade* (E), da *atividade* (A) e da *ressonância primária* (P) ou *secundária* (S) da emotividade e da atividade (R: P-S) pode dificultar o *relacionamento* e o diálogo diário (acima de tudo, troca de sentimentos!) dos cônjuges entre si e com os filhos. Se, por exemplo, um marido é *frio emotivamente* e a sua mulher é *superemotiva*; se ele é *não-ativo* e ela é *muito ativa*; se ele é *primário* (a ressonância passa logo) e ela é *secundária* (a ressonância dura muito), só a vivência fundamental das *virtudes cardeais* da prudência e temperança e das *virtudes teológicas* da fé, esperança e caridade (com o perdão verdadeiro e perene) pode sustentar o relacionamento e felicidade desse casal, tornando-se, em geral, a mulher uma mártir do cotidiano. Aliás, ao menos no Brasil, as mulheres são as grandes santas, heroínas e mártires da sobrevivência familiar global.

#### d) Projeções e identificação projetiva

No *campo psíquico* (inconsciente e consciente) e no âmbito das *experiências vivenciadas* na infância, quanto coisa é projetada na pessoa do cônjuge, querendo desesperadamente preencher “vazios afetivos” do passado, muitas vezes, coisificando e anulando as pessoas “amadas” e reduzindo-as, à força, à sua imagem e semelhança pelo medo de ser sozinho o que é!

Sirva de exemplo a *identificação projetiva*. Se um marido não teve, em sua infância, o amor de sua mãe, pode desesperadamente procurar esse amor em sua esposa, sobre quem vai projetar a sua carência afetiva – tentando reaver, sem sucesso, o amor de sua mãe –, identificar a sua esposa com sua mãe e a sufocar com um amor enviscado (sedutor, pegajoso), no qual não se pode nem respirar, muito menos olhar para outros e ser livre e feliz como pessoa humana.

Os *ciúmes* e as *possessões* demasiados têm suas raízes nesse “vazio afetivo” da vida intra-uterina, infantil ou mesmo juvenil. É o chamado ciúme doentio que a todos sufoca e separa.

A *raiva*, muito comum em nosso dia-a-dia, não é algo mau, pois é uma reação biopsíquica inconsciente, provocada pelo encéfalo e diencéfalo. O que pode ser ruim é o *que fazemos* com a raiva. Isso é que pode ser prejudicial a mim e aos outros. O caso da droga é um exemplo típico de carência de amor, de auto-afirmação verdadeira e de uma saída digna para os problemas existenciais, conjugais e familiares.

Esses *tipos de relacionamento* perturbam radicalmente a dinâmica familiar e fazem ruir fragorosamente qualquer

estrutura conjugal e familiar, porque o amor nos torna livres, e não prisioneiros, nem que seja uma prisão numa gaiola de ouro. Não há quem agüente! E o nosso mundo atual está cheio de pessoas assim: carentes de quase tudo, principalmente do verdadeiro amor, que é oblativo e libertador, o único capaz de equilibrar o intrincado *jogo de forças* e *potencialidades* do casal e dos membros da família numa dinâmica suportável e enriquecedora. Mas como acontece esse enriquecimento dinâmico no casal e na família?

### **3 – A complexa dinâmica da família e a sua autotranscendência**

Começemos com: a) a celebração da constituição da família (casamento) e b) a vivência da dinâmica conjugal e familiar no novo lar.

#### a) A celebração da constituição da família: casamento

Diferentemente da família javanesa, que tem a sua *harmonia familiar* baseada mais no apoio da família extensa, na proteção dos espíritos dos ancestrais, na ordem cósmica e numa certa magia e sortilégios, a família brasileira tem a sua *harmonia* mais fundada na intimidade, paixão, sentimentalismo e romantismo do casal, mas conta, cada vez menos, com a influência da família ampliada, das crenças mágicas e da fé.

No Brasil, no tempo de *namoro* (“nontoni”: ver em Java), quase ninguém interfere no relacionamento dos dois, pois é ainda um tempo de procura não-séria do futuro cônjuge – nesse ponto, assemelham-se muito as culturas javanesa e brasileira. No Brasil, o namorado pode dar uma aliança de compromisso à sua namorada.

O tempo e a celebração do *noivado* (seria uma proposta oral e familiar) já contam com uma participação mais séria da família extensa, especialmente dos pais de ambos os noivos, que quase não mais indicam os parceiros de casamento, como no tempo de minha avó. É um “besan” (relação entre os pais de ambos os noivos) ainda muito frágil (Sumargo, 2001, 2).

O presente na cerimônia de noivado (“sosok tukon”, em Java) é a *aliança* que o noivo dá à sua noiva, em geral, numa festa íntima, na presença de familiares e amigos e, se os noivos têm fé, a aliança é abençoada por um sacerdote ou pastor.

A Igreja do Brasil dá uma ou mais palestras para noivos em vista de melhor conhecimento mútuo, o que não adianta muito, pois ainda é a *paixão* que domina o relacionamento dos dois, que já marcaram a data de casamento.

A “despedida de solteiro” (“midodareni”, em Java), dias antes do casamento, é feita pelos homens (chá de bar) e pelas mulheres (chá de panela ou cozinha).

O envolvimento com os espíritos dos antepassados não existe, de forma alguma, em nossa cultura, principalmente a visita ao túmulo de antepassados antes de se casarem. A crença de que o casamento não deve ser feito em certos dias (13: azar) e no mês de agosto (causa desgosto) é muito comum entre nós, e nisso as duas culturas (javanesa e brasileira) se assemelham. O noivo não pode ver a noiva preparada antes de entrar na igreja ou no cartório, porque pode dar má sorte ao casamento.

O adorno do noivo e da noiva não é acompanhado de conselhos (“dukun paes”, em Java), mas é informal ou cheio de brincadeiras ou elogios aos noivos.

Como em Java, os cônjuges acham que um encontrou a metade da alma que lhe faltava (“garwa”) e eles não

têm tanto medo do mundo mágico, forças invisíveis sobrenaturais como em Java (“siraman”: banho purificador divino; “baladewani”: noite de alerta do “midodareni”; “panggih”: moedas misturadas com arroz amarelo etc.).

A “cerimônia do casamento” (contrato: *betrothal*) é celebrada segundo o ritual das igrejas cristãs, que é quase sempre o mesmo com algumas variações culturais. Após o casamento, os noivos, ao saírem da igreja, recebem uma chuva de arroz, que dá sorte ao casal; e a noiva joga o seu *bouquet*, quem o pegar se casará brevemente.

Após o casamento, há recepção com salgados e bebidas, ao som de músicas populares e regionais. Depois de tudo, os noivos partem num carro exótico (adornado com papel higiênico, latas, pó etc.), para a lua-de-mel, e não para um “slametan” quando necessário, como em Java (Sumargo, 2001, 3).

Após a lua-de-mel (que muitas vezes já se torna em lua de fel!), começa a *dinâmica* de uma vida a dois na qual aparecerão, em breve, as primeiras grandes desilusões com relação ao cônjuge, não tão bem conhecido durante o namoro e noivado pelo alto grau de paixão que os envolvia, agravadas pela rotina do relacionamento e pela instabilidade de sentimentos e inversão de valores, com o predomínio de um hedonismo pluralista, *à la carte*, bem ao sabor do Ocidente!

## b) Vivência da dinâmica conjugal e familiar no novo lar

E aqui começa a complexa dinâmica da família brasileira e, provavelmente, a da javanesa, ao menos em alguns pontos essenciais.

A dinâmica conjugal e familiar propriamente dita navega, antes de tudo, como já foi dito, no clima sociopolítico

e econômico da nação à qual pertence a família. Interferem nessa dinâmica a bagagem positiva (potencialidades) e a negativa (problemas) que cada membro da família traz, levando-se em conta diversas variáveis da *microrrealidade* (sempre influenciadas pela macrorrealidade já aludida), a saber: 1) *temperamento*; 2) *narcisismo do casal*; 3) *a fecundidade do casal*; 4) *a dimensão estética ante as deficiências genéticas biopsíquicas*; 5) *vivências dos papéis conjugais e familiares*; 6) *diálogo aberto e franco na família diante de Deus*; 7) *vivência correta da afetividade, sexualidade e genitalidade humanas*; 8) *lazer (tempo livre) passado juntos*; 9) *educação dos filhos* e 10) *a transcendência da família*.

Chama-se *microrrealidade* mais no aspecto tópico (ôüđĩò: lugar psíquico), pois, na realidade, é um grande mundo de forças psíquicas a influírem e condicionarem o indivíduo ao longo de sua existência, como veremos logo a seguir.

## 1 – Temperamento

Como já aludimos anteriormente, os elementos do *temperamento* são essencialmente: **E**: emotividade; **A**: atividade; **R**: ressonância: primária (P) e secundária (S). A junção desses *elementos caracterológicos* dá 8 tipos de temperamento: E-nA-P (nervoso); E-nA-S (sentimental); E-A-P (colérico); E-A-S (apaixonado); nE-A-P (sangüíneo); nE-A-S (fleugmático); nE-nA-P (amorfo) e nE-nA-S (apático). (Rossetti, 1966)

Essas tendências à emotividade, atividade e tipos de ressonância (primária ou secundária), nós já nascemos com elas, seja por fator hereditário, seja por experiências intra-uterinas. Mas é uma bagagem dada que será bem ou

mal trabalhada pelo sujeito e família em suas inter-relações, ajustável bem ou mal, mas nunca mutável totalmente de um extremo para outro. Por exemplo, um marido nE-A-P (nervoso) e uma esposa E-A-S (apaixonada): se não houver um bom ajuste (com virtudes), dificilmente darão certo em sua convivência. Outro casal: o marido E-A-S (apaixonado) e a mulher nE-nA-P (amorfa) dificilmente darão certo no dia-a-dia, pois os elementos caracterológicos são opostos. É muito difícil o equilíbrio que leva à almejada harmonia conjugal e familiar.

No Brasil, uma das principais causas de separação e divórcio é a chamada *incompatibilidade de gênios* (temperamento).

## 2 – O narcisismo do casal

No modelo Ciclo de Vida Familiar, o estágio do “casal sem filhos” (no Brasil, 1999: 13,6%) é um tempo de maior vivência de sentimentos que levam a um mais profundo conhecimento do cônjuge e destroem certas ilusões pré-matrimoniais (desilusão), fazendo com que o casal seja mais realista em sua dinâmica conjugal.

No entanto, se um ou mesmo os dois cônjuges não teve (tiveram), em sua infância e adolescência, um desenvolvimento afetivo-sexual adequado (normal), há o risco de regressões à fase edípica, que poderá levar o casal a um *narcisismo* (um se contempla e/ou se afoga sentimentalmente no outro, como no mito de Narciso!) e conseqüentemente a uma *enviscação* (aprisionamento sedutor) insuportável, que não permite o nascimento dos filhos para não romper o ciclo pegajoso da possessão mútua.

Para evitar tal situação, é necessário um maior *conhecimento objetivo* da personalidade do outro cônjuge

(suas falhas e virtudes, experiências negativas e positivas), um certo *distanciamento estético* (ἀ'βόε̅̅̅όέ̅̅̅: sentimento), para não o sufocar afetivamente, e um forte potencial do *verdadeiro amor*, que é mutuamente oblato, mas gerador de filhos, acontecendo, assim, a *procriação*, finalidade principal do matrimônio cristão. Uma psicoterapia breve ou longa para o casal seria de muita utilidade para que o casal trabalhasse os seus sentimentos ante o princípio de realidade.

### **3 – A fecundidade do casal**

O nascimento do filho (“casal com filhos”: 55,0% no Brasil – IBGE: 1999), em geral, é visto culturalmente – no Brasil como em Java –, como um dom, uma bênção de Deus para a família, a razão principal e validade do casamento (Libório, 2001, 356-358). No entanto, além do peso financeiro que traz uma criança para as famílias pobres, pode ser o gerador da chamada *triangulação perversa* por romper a enviscação narcisística dos cônjuges, o que gera um “abandono” um do outro, já que surge um novo objeto de amor: a criança frágil, indefesa e carente de tudo.

Essa triangulação perversa tem gerado a separação e o divórcio de muitos casais em muitas culturas, mormente na ocidental. Da alegria do nascimento de uma criança (imagem e semelhança dos pais), que deveria ser a ponte mais forte do amor dos cônjuges, passa o casal a um enfraquecer e esmaecer do amor mútuo, chegando a ponto de rompimento dessa cadeia afetiva e criando a tão pesquisada “curva do U” (*U-curve*), que vai do nascimento do primeiro filho até o fim da adolescência dos filhos. Esse período é marcado por muitos desencontros na dinâmica conjugal e familiar; chega-se, muitas vezes, à separação e ao divórcio

dos casais (Brasil, IBGE: Censo 2000 – 5,0%). A harmonia maior do casal volta a acontecer após a adolescência dos filhos.

O conhecimento da psicologia da criança (especialmente a importância da fase edípica!) e da psicologia do adolescente (com os problemas de sua auto-afirmação) poderia levar os cônjuges a um *novo tipo de pacto* (pacto da infância e pacto da adolescência dos filhos), que se caracterizaria por maior maturidade e um altruísmo mais rico (3º membro da família!) em razão do crescimento sadio dos filhos em todas as dimensões, a partir da vivência harmônica dos dois. O terceiro pólo, o filho, deveria ser uma fator de equilíbrio (e não, desequilíbrio ou ruptura) dos dois cônjuges.

No começo de uma crise familiar ou quando essa crise estiver se tornando crônica, são necessárias as prevenções *primária* (atuar enquanto é tempo!), *secundária* (atuar antes que seja tarde demais!), já que a *terciária* já é a tentativa de cura de uma situação séria com a terapia familiar (L'Abate, 1990, 101-131).

Mister se faz uma vontade férrea e radical dos dois cônjuges para encontrar e vivenciar um novo caminho e, ao mesmo tempo, enterrar o passado de sofrimentos, construindo uma saudável harmonia familiar.

#### **4 – A dimensão estética ante as deficiências genéticas biopsíquicas**

A inclinação e gosto pelo que é belo, sem ser necessariamente uma reminiscência da idéia de beleza do céu platônico, parece ser algo universal. O “belo”, onde quer e em quem quer que aconteça, nos dá uma sensação de alegria, prazer e harmonia relaxante.

Uma família que se vê atingida por defeitos genéticos biopsíquicos certamente se sente violentada em sua dimensão estética e no campo da saúde como um todo. É algo que traz uma carga muito forte, por exemplo, ter um filho que não anda, cego, surdo e mudo ou com doenças psíquicas. Isso repercute muito na harmonia da família, dando-lhe uma sensação de impotência vital.

Somente o conhecimento científico das causas dos defeitos e a aceitação filosófico-religiosa da limitação do ser humano (a não-perfeição total), a aceitação do sofrimento do ponto de vista psicológico (Frankl, 1992,) e religioso (Jo. 15, 1-5), tudo isso cimentado por uma percepção cristã da pessoa humana, coadjuvado principalmente pela visão do terceiro olho (o olho do coração) para o qual o feio se torna bonito (Ex. Coruja e seus filhos), se pode suavizar essa causa da desarmonia familiar nesse campo que não depende diretamente de nós.

É difícil, num mundo superficial e sensível ao estético como o nosso, mas temos potencialidades de enxergar mais com o terceiro olho o que é muito difícil sem uma verdadeira dimensão religiosa, que vê no outro mais carente o abordar do próprio Deus (Mt. 25, 31-46.), que pede que exerçamos, de fato, os nossos papéis de co-criadores de um novo universo e de um novo homem.

## **5 – Vivência dos papéis conjugais e familiares**

Na cultura javanesa – e penso que também na cultura indonesiana –, um dos principais fatores da harmonia conjugal e familiar é a justa distribuição dos papéis de “marido-mulher” e de “pai-mãe”. Existe a harmonia familiar *mais* a partir de uma *estrutura externa* (família ampliada, forças cósmicas e sobrenaturais, apoio presumido dos ancestrais

falecidos, datas de nascimentos dos noivos etc.) que de uma estrutura *intrafamiliar* baseada e manifesta na intimidade, sentimento, carinho e até romantismo (Sumargo, 2001, 3).

A dimensão afetiva para o javanês é *secundária*, enquanto que, para a família brasileira, ela é *fundamental, indispensável*. E para mim uma das grandes diferenças, na dinâmica dessas duas famílias (brasileira e javanesa), está aqui.

Para nós, brasileiros, se a dimensão sentimental vai mal entre os cônjuges e filhos, o resto tende a ruir fragorosamente por terra: geralmente o marido abandona a casa e a família e a mulher arca com todas as despesas e sofrimentos na manutenção do lar e educação (formal e informal) dos filhos. Complica-se mais ainda a situação quando a família é pobre e não pode contratar um advogado para que o marido (que logo se une a outra; a mulher nem sempre!) assuma suas responsabilidades financeiras legais para com a mulher e os filhos pequenos.

O trabalho extradoméstico feminino está tornando-se hoje uma realidade crescente, no Brasil, por necessidade financeira (socialização, “status”, independização financeira etc.) da família, como já referimos anteriormente, o que torna a mulher estressada, dicotomizada entre o trabalho e o lar, com a conseqüente angústia psicológica e a dissonância do “self”, por ter deixado os filhos, geralmente pequenos, em outras mãos (quando não sós!) nem sempre seguras sob diversos aspectos (Libório, 2001).

Principalmente as mulheres trabalhadoras da classe média brasileira sofrem *significativamente* esse problema, precisamente por saberem as conseqüências de sua ausência em casa sobre o desvio de personalidade, com-

portamento geral e educação dos filhos, como afirmam pesquisas brasileiras a respeito (Rabello, 1969; Moura, 1969).

Como sugestão para o acontecer melhor da harmonia familiar, sem dúvida, a justa distribuição das tarefas domésticas entre os cônjuges e uma melhor política governamental para a esposa e mãe trabalhadora certamente são fatores facilitadores da harmonia familiar, especialmente entre as famílias mais pobres.

A mulher brasileira profissional, quando chega estressada do trabalho, em geral, tem de fazer ainda todos os trabalhos domésticos (limpar, cozinhar, cuidar dos filhos etc.). O marido participa muito pouco dessas tarefas. Quanto mais horas de trabalho doméstico se exige do marido, tanto menor é a porcentagem de maridos engajados (Libório, 2001, 220), já que o machismo brasileiro e nordestino é ainda muito forte, embora já se tenha flexibilizado um pouco diante dos avanços desta pós-modernidade. O marido moderno deveria ajudar a esposa em tudo e em pé de igualdade, como já fazem alguns casais europeus e brasileiros.

O afeto, como fundamento da harmonia familiar brasileira, deveria voltar a se influenciar mais pela superestrutura familiar, embora não mais como o modelo patriarcal de antigamente, segundo o qual os pais casavam suas filhas com quem eles queriam, sem se perguntar se a filha amava o rapaz, como aconteceu com minha avó paterna, que viveu 50 anos de casamento na fidelidade conjugal sexual, mas sofrendo e brigando com meu avô, pois amava, de verdade, a um outro homem. Quando aos 83 anos soube da morte desse seu “amor irrealizado”, chorou amargamente. Isso para nós não é vida, pois fere o que é fundamental para nós, o *sentimento* quase sempre aliado à paixão e ao amor.

Também carece de maior senso de responsabilidade o pacto matrimonial celebrado com suas conseqüências, vivência séria de valores da sociedade na qual está inserida a família, sem o império do individualismo crasso, que nada num hedonismo instável e despersonalizante. No Brasil de hoje, há muitos homens idosos que estão sendo infiéis à sua esposa com moças jovens. No Brasil, há um provérbio popular que diz: “Burro velho, capim novo”! A fidelidade matrimonial, no Brasil, talvez aconteça somente para 1,0-2,0% dos homens casados, devido ao machismo forte e a uma não vivência séria dos valores cristãos.

Sobre isso, a família javanesa nos poderia ensinar um pouco, excluídas as dimensões míticas (força cósmica, ancestrais, espíritos) e de destino (sortilégios, rituais e dadas que dão sorte), como também a família brasileira talvez pudesse ajudar numa valorização e vivência manifesta de sentimentos, intimidade e carinho na dinâmica conjugal e familiar, em vista da almejada harmonia familiar. No entanto, a dimensão cultural e religiosa é muito forte e não se muda assim tão facilmente.

A esposa profissional só deveria trabalhar fora de casa meio turno, precisamente o turno em que a criança pequena estivesse na escola. Antes da idade escolar, a mãe deveria dedicar-se totalmente ao filho pequeno para que houvesse um bom desenvolvimento afetivo e cognitivo da própria mãe, como afirma pesquisa a respeito (Libório, 2001, 279-282).

Na Suécia, a política familiar é excelente! No mercado de trabalho, estão 83,0% das mães, mas o Governo lhes paga muito bem para ficarem em casa com os filhos pequenos. No entanto são apenas 8 milhões de suecos. No Brasil, a mulher profissional tem direito à licença-materni-

dade remunerada por apenas 4 meses, mas já é melhor que nada!

Uma nova política familiar deveria contemplar a mulher profissional com outras facilidades: berçário nas fábricas com atendentes qualificadas; trabalhos trazidos para casa, entre outras medidas. E que a mulher fosse remunerada com o mesmo salário do homem. Falta vontade política séria para isso! No Brasil, em geral, a mulher que exerce uma mesma função do homem, pelo simples fato de ser mulher, ganha 1/3 a menos que ele. É a célebre discriminação por causa do *gênero*, própria de um machismo temeroso, surdo, cego e competitivo com a mulher!

Só com o gerenciar correto e humano dessas variáveis da macro e microrrealidade pode ser dado um novo rumo à harmonia conjugal e familiar, principalmente nas classes mais desfavorecidas dos países do terceiro mundo, como o Brasil e a Indonésia.

## **6 – O diálogo aberto e franco na família diante de Deus**

Um diálogo mútuo (não tanto razão, mas mais troca de sentimentos positivos e negativos!), aberto e franco, sem agressões ou neutralidades, diante de Deus (supõe fé e espiritualidade!), é muito importante para a manutenção e o aumento da harmonia conjugal e familiar, principalmente num tempo em que a mídia invade os nossos lares e os membros da família não têm mais tempo para bate-papos e troca de experiências enriquecedoras.

Com o diálogo, o acúmulo de raivas (espontâneas), ciúmes, medos de perda do cônjuge, fantasias (loucas da casa!) podem desvanecer-se e corrigir distorções cognitivas e afetivas. A melhor forma para o diálogo seria não acusar o outro, mas simplesmente se colocar assim:

“Com relação a isso (assunto, fato que incomoda), eu me *sinto* (não penso) assim (colocar o sentimento que o atormenta no momento). O mesmo fará o outro cônjuge. Assim, chega-se a um consenso sobre o que realmente mina a harmonia individual e familiar. Claro que, quando ambos se colocam com respeito e sem agressões, aos poucos, as feridas se vão cicatrizando com os pedidos de desculpa, a doação verdadeira (sem abrir jamais as feridas) do perdão a si mesmo e ao outro (Casarjian, 2000).

Perdoar ao outro para que Deus nos perdoe os pecados (Jesus, Pai Nosso!)

São tantos os males biopsíquicos causados por um psiquismo doentio, raivoso, odioso, invejoso e ciumento: catexia, hostilidades, mecanismo de luta ou fuga, estresse, enfraquecimento do sistema imunológico, distúrbio das emoções, doenças cardíacas etc. (Casarjian, 2000). Cito uma frase sua:

“Em nossos dias, há um grande número de provas científicas – principalmente vindas da nova disciplina chamada Psiconeuroimunologia – de que a paz de espírito, a alegria, o otimismo e o amor se traduzem em respostas bioquímicas mensuráveis que ativam um sistema de cura inato dentro do corpo. Esses pensamentos positivos sempre geram saúde emocional e, muitas vezes, também estimulam a cura de sintomas físicos” (Casarjian, 2000, 206).

O Dr. Deepak Chopra (1989), autor de *Quantum Healing: Exploring the Frontiers of Mind/Body Medicine* (Cura quântica: Explorando as fronteiras da medicina da mente/corpo), escreve: “quando nós pensamos, estamos pratican-

do química cerebral... Não há um pensamento torcido sem uma molécula torcida” (citado por Casarjian, 2000, 209).

“O ressentimento e a hostilidade crônicos, a culpa doentia e a vergonha são pensamentos retorcidos produzindo reações de estresse fisiológico. Quando estamos desgastados, o cérebro fabrica moléculas de peptídios (aminoácido, proteína). Estas transformam nossos sentimentos em reações químicas, afetando a ligação entre o corpo e a mente”.

“Há um circuito de retroalimentação dentro do corpo/mente que vai dos pensamentos ou percepções até os sentimentos e emoções, até as mensagens emitidas pelo cérebro para as secreções hormonais, para a ação celular do corpo. De volta à mente e ao cérebro, as reações em cadeia, ativadas pela fabricação de moléculas de peptídios, afetam positiva ou negativamente, dependendo da natureza dos pensamentos, percepções e sentimentos que iniciam os processos” (Casarjian, 2000, 209).

Vejam, prezados ouvintes e leitores, como o psiquismo afeta a nossa dimensão biológica. É necessário, portanto, ter uma mente sadia para que o corpo também seja sadio. Os latinos já diziam: “Mens sana in corpore sano” (Mente sadia em corpo sadio!) e Buda dizia: “o homem é a sua mente”!

## **7 – Vivência correta da afetividade, sexualidade e genitalidade humanas**

Na cultura machista nordestina e brasileira, a vivência da afetividade é algo muito forte, entra quase sempre na área da sexualidade e genitalidade. Mas, por causa de uma

cultura que favorece e incentiva o adolescente do sexo masculino a ter relações pré-matrimoniais, geralmente esse jovem que usou tanto as prostitutas (hoje são mais as namoradas!) adquire um *esquema mental* de muitas mulheres com as quais não houve paciência para que elas chegassem ao orgasmo. O homem, então, se satisfaz mais rapidamente e sozinho, tornando-se, assim, a mulher fria, desajustada e se sentindo coisificada num campo em que ela é tão sensível.

Esse comportamento torna muitas mulheres irrealizadas e tristes na sua sexualidade e genitalidade. Muitas descrevem o seu relacionamento sexual como uma fachada com a qual só sentem dores e nenhum prazer.

Só um conhecimento profundo da biologia, psicologia e personalidade masculina e feminina e um despertar do homem para a sensibilidade diferente e sexualidade difusa no corpo da mulher (a sexualidade do homem é mais concentrada nas genitálias!) poderão levar o homem a prepará-la bem (tocando as partes erógenas), para que ambos cheguem ao orgasmo ao mesmo tempo e se realizem mutuamente como pessoas sexuadas.

A saturação afetiva e sexual e a infidelidade masculina fazem com que a mulher sofra muito com isso, já que o ama, e se sinta constantemente traída e desprezada pelo seu parceiro de coração e vida.

Tudo isso interfere, de modo essencial, na harmonia conjugal e familiar, gerando muitas mulheres que apenas vegetam e não vivem realmente.

## 8 – O lazer (tempo livre) passado juntos

Na minha tese de doutorado, as mulheres da pesquisa de campo se queixaram muito de que os maridos sempre acham um modo de ter lazer sem a sua companhia: uma cerveja com os colegas no boteco, um jogo de futebol ou qualquer outro tipo de lazer. A mulher teve de ficar sempre em casa a cuidar dos filhos e dos afazeres domésticos, estressando-se ainda mais que o homem.

Por que os dois não têm um lazer juntos? A vida de “casado-solteiro” tem que terminar, especialmente para os jovens maridos. Uma pessoa só deveria casar quando realmente estivesse disposta a dedicar a sua vida ao trabalho e à família, a ser uma pessoa responsável, a cumprir o que prometeu diante de Deus e das duas famílias, no dia da celebração matrimonial. Tudo seria canalizado para eles: o amor, o carinho, o trabalho, as finanças, o lazer, a educação dos filhos etc.

Diariamente, é necessário escolher de novo, num “contrato secreto”, o seu cônjuge (como afirmavam Pincus & Dare, 1987), cuidar-se mutuamente, manifestar de modo variado e diferente o carinho, comunicar-se sinceramente, realizar-se mutuamente no campo sexual e criar uma cultura familiar sadia.

Sabe-se que isso é muito difícil num mundo marcado pelo hedonismo, egoísmo, ateísmo e grande inversão de valores. Mas, se o casal não escolher e viver certos valores como sendo mais *perenes*, nada resistirá às céleres mudanças de nosso mundo, veiculadas e, muitas vezes, distorcidas pela influente mídia sensacionalista e superficial.

## 9 – A educação dos filhos

Os pais devem se combinar no que concerne às *normas* para os filhos, sem dicotomias ou esquizofrenias (o pai orientando de um modo e a mãe de outro), visando ao amanhã dos filhos, e não à satisfação pessoal de cada cônjuge numa luta competitiva com a esposa.

Os cônjuges não podem ser dois guerreiros diante dos filhos, mas dois parceiros que constroem uma nova humanidade através do conhecimento da psicologia (também cognitiva) da criança e do adolescente, para melhor compreenderem os seus valores, a sua luta de auto-afirmação. Isso evitará muitos atritos de pais com os filhos e dos irmãos entre si.

Vale ressaltar que o exemplo dos pais é a melhor disciplina para os seus filhos. Uma disciplina sadia e equilibrada, que vise ao humanismo e à cidadania dos filhos, corroborada pela compreensão e amor dos pais, certamente, ajudará numa maior harmonia do casal e da família hodierna brasileira e javanesa.

O sentido da vida, com vários sentidos na vida, sem dúvida, dará um *norte* mais seguro a todos os membros da família. Não se pode viver só do ontem e do hoje, mas é necessário sonhar com o amanhã possível e feliz para a família como um todo.

Ambos os pais devem participar em pé de igualdade da educação informal e formal dos filhos, e não só a mãe, como acontece geralmente, no Brasil.

## 10 – A transcendência da família

Uma família sem a escolha e a vivência de *valores sérios*, culminando na fé e temor (respeito profundo) de Deus, não vai muito longe, porque é como a casa edificada sobre a areia (Lc. 6, 46-49). No Brasil, há um adágio popular que diz: “Família que reza unida, permanece unida”. Quase ninguém está fazendo isso em nossos dias!

Os pais que só dão matéria a seus filhos e que fazem sempre a vontade deles sem lhes impor limites estão gerando pessoas onipotentes, monstruosas que depois são as primeiras a cair sobre eles e os matarem, como tem acontecido tanto por aí.

É necessário formar bons filhos, que serão cidadãos do amanhã de nosso país, homens de fé, de valores mais duráveis, construtores de um porvir mais justo e feliz, mais imagens e semelhanças de Deus que são nossos filhos, meninos de Deus. A família cristã, sem dúvida, deve estabelecer e ser uma união entre Deus e os homens pela vivência dos valores transcendentais da vida humana (FC, 1981, n. 12).

Pe. João Berthier, fundador da Congregação dos MSF, dizia, no século passado, algo sempre atual: “A graça do sacramento do matrimônio torna o casal cada dia mais perfeito e dá-lhes forças para fielmente cumprirem os seus deveres e vencerem as dificuldades inerentes à vida” (Berthier, 1901, 263-264), visando a estabelecer a harmonia conjugal e familiar e levando a família à verdadeira transcendência do seu existir como grupo primeiro da sociedade de um novo amanhã.

## Conclusão

Na Física, a harmonia da balança é o exato equilíbrio dos pólos da haste horizontal, presa à haste vertical. Na família, onde os membros não são apenas realidade física, mas biológica, psíquica e espiritual, a *harmonia* está muito mais próxima do conceito de *homeostase* (‘Oĩiēĩò: mesmo – ÓôŨóéò: estabilidade, fixidez ou sublevação, desacordo, tempestade (figurativo) como *desacordo* e mesmo *tempestade* que o de rigidez, fixidez no campo da Física.

A família harmônica é esse pequeno universo de pessoas únicas, irrepetíveis que, na raiz de seu ser, buscam a realização plena (Deus: fim último da existência) e o fazem no jogo de forças (dínamis) e potencialidades, em 7 Cs, a saber: Compromisso, Cuidados, Comunicação, Conflitos (resolução), Caráter, Cultura e Contrato secreto e público (Libório, 2001, 183-186).

Somente o acontecer homeostático (dinâmico) dessas forças e potencialidades de todos e cada um dos membros da família (microrrealidade) – agindo (ativamente) sobre a macrorrealidade e sofrendo (passivamente) a influência da mesma, tendo como haste vertical a transcendência (Deus) – trará maior felicidade à família de nossos tempos.

O homem, chamado de flecha da evolução e terceiro infinito (Chardin, 1970), ao integrar uma família, para a qual é chamado pela vivência de *o sentido da vida* (Frankl, 1994) e pelo *jogo correto de suas forças e potencialidades* – sob o olhar de Deus, fonte do equilíbrio (não equilibrismo!) e razão de ser da haste horizontal da balança da vida e da família –, poderá transformar o estofo deste universo já tão ferido e sangrado num universo ecologicamente sadio e belo, a partir da transformação do estofo familiar, ao viver uma

harmonia existencialmente angustiante e espiritualmente convergente em busca da Megassíntese (Ômega: Deus).

Sem olhar e viver constantemente, nas entranhas humanas e familiares, o amor de Deus na pessoa dos familiares, mormente os mais carentes e defeituosos (Mt. 25,31-46), nenhuma família irá muito longe, como está sobejamente acontecendo em nossos dias e culturas pós-modernas.

Mas, se a família nadar em Deus, presente na pessoa dos familiares, transformará a matéria elementar que somos em energia espiritual, “fazendo o jejum do coração nessa sociedade consumista, rompendo os grilhões da ditadura patriarcal familiar, soltando as ataduras do jugo dos filhos e empregados, abrigando os desabrigados do respeito, amor e carinho, alimentando os famintos de pão e de Deus, então, no dizer do profeta, “as feridas da família serão curadas rapidamente, a luz da família romperá como a aurora e brilhará nas trevas e a escuridão da família será para ela como o clarão do meio-dia”, concretizando-se assim a utopia e a justiça de Deus”: o Pólo verdadeiro da harmonia conjugal e familiar (Is. 58, 6-11).

## REFERÊNCIAS

BERTHIER, J. **The Book for All**. Ratford, Conn. USA: Baratier, 1901.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulinas, 1985.

CASARJIAN, R. **O livro do perdão: O caminho para o coração tranqüilo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

CHOPRA, D. **Quantum Healing: Exploring the Frontiers of Body/Mind Medicine**. New York: Bantam, 1989.

DE CHARDIN, T. **O fenômeno humano**. São Paulo: Herder, 1970.

FRANKL, V. E. **La sofferenza di una vita senza senso: Psicoterapia per l'uomo d'oggi**. Torino: Elle Di Ci, 1992.

\_\_\_\_\_. **Senso e valori per l'esistenza**. Roma: Città Nuova, 1994.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2000**. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

\_\_\_\_\_. **Síntese de Indicadores Sociais: PNAD 1999**. Rio de Janeiro: IBGE, 2001.

\_\_\_\_\_. **Tabulação avançada do Censo 2000**. Rio de Janeiro: IBGE, 2002.

JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica “**Familiaris Consortio**”. Vaticano: EDB, 1981.

L'ABATE, L. **Le risorse della famiglia: Prospettive di prevenzione primaria e secondaria**. Bologna: Il Mulino, 1990.

LIBÓRIO, L. A. **O trabalho extradoméstico feminino e a satisfação conjugal da jovem família do Recife (PE), Brasil: O ajustamento conjugal na tríade**. Roma, UPS, 2001. 642 p. Tese de Doutorado - Università Pontificia Salesiana.

MOURA, M. A. Repercussões sócio-psicológicas do trabalho feminino. In: RABELLO, S. (Org.) **Participação da mulher no mercado de trabalho**. Recife: IJNPS-MEC, 1969.

PINCUS, L.; DARE, C. **Psicodinâmica da família**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

RABELLO, S. A condição do trabalho feminino no Recife. In: RABELLO, S. (Org.) **Participação da mulher no mercado de trabalho**. Recife: IJNPS-MEC, 1969.

ROSSETTI, L. **Prática de caracterologia religiosa**. Petrópolis: Vozes, 1966.

SUMARGO, P. S. **The Javanese Concept of Marriage**. Yogyakarta, 2001. Dissertação de Mestrado – Universidade S. Dharma, Yogyakarta, Indonésia.